

RESENHAS DOS FILMES EXIBIDOS NAS ATIVIDADES DO  
XXIII CICLO DE DEBATES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

INTRODUÇÃO:

Para compartilhar as obras selecionadas para a exibição durante o XXIII Ciclo de Debates, os/as participantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Pequena Infância (NUPEIN) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências (NUVIC) elaboraram resenhas para convidar os/as interessados/as acerca da temática das infâncias.

A AUTORIA DE CADA RESENHA ENCONTRA-SE EXPLICITADA EM CADA UMA DELAS. VALE A PENA DAR UMA CONFERIDA !



**E BUDA DESABOU DE VERGONHA**

Título Original: *Buda as sharm foru rikht*

Origem: Irã (2007)

Drama. 01h21 minutos

Direção: Hana Makhmalbaf

Autoras: Thiara Batista e Valquiria Silva do Lago<sup>1</sup>

O filme intitulado “E Buda Desabou de Vergonha”, é iraniano, produzido no ano de 2007 e dirigido por HanaMakhmalbaf<sup>2</sup>, com roteiro de MarziehMakhmalbaf. Do gênero drama, tem como atores principais da trama Abbas Alijome, NikbakhtNoruz e AbdolaliHoseinali. Esta obra têm dois prêmios: Prêmio Especial do Júri no Festival de San Sebastián de 2007 e Urso de Cristal no Festival de Berlim 2008.

---

<sup>1</sup>.Estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (CED-UFSC), integrantes do Núcleo Vida e Cuidado (NUVIC-CED-UFSC). [thiara.bbbatista23@gmail.com](mailto:thiara.bbbatista23@gmail.com); [valzinha\\_lago@hotmail.com](mailto:valzinha_lago@hotmail.com)

<sup>2</sup>.Nasceu em 1988, no Irã. É filha do diretor Mohsen Makhmalbaf e irmã da diretora Samira Makhmalbaf. Estudou na Escola de Cinema Makhmalbaf. Aos 8 anos, dirigiu o curta *WhenMyAuntWasIll*, exibido no Festival de Locarno de 1997. Seu documentário *JoyofMadness* foi exibido no Festival de Veneza de 2003.

O título do filme faz referência às gigantescas estátuas de Buda, na região de Bamiyan, derrubadas pelos Talibãs que dominaram o Afeganistão. É nesta região que esta trama acontece. Baktay, uma menina de seis anos vive com a mãe e sua irmã bebê, em uma caverna nesta montanhosa região. As cavernas são muito próximas, quase umas dentro das outras, quando se olha a montanha onde ficam, parece ser cheias de furinhos. A privacidade não é uma coisa que aparenta ser muito digna de preocupação. Na caverna ao lado, juntamente com sua mãe, vive Abbas, um menino com idade próxima a de Baktay.

Quando Abbas começa a fazer o seu dever de casa, lê o texto em voz alta, em pé, encostado à janela onde a mãe o colocou. Baktay então fica indignada por causa do barulho e irritada, porque se a irmãzinha acordar, lhe dará mais trabalho. Ela vai falar com Abbas e acaba o repreendendo. Mas, Abbas não lhe dá atenção e continua a ler seu livro da escola, um pedaço que conta uma história que Baktay não conhecia. Ela pergunta a Abbas como ele sabe tantas histórias, e ele lhe diz que é porque sabe ler e estava lendo aquela história.

Baktay, então, lhe pede para que ele a ensine a ler. Abbas diz que se quer ler, ela precisa ir à escola. E para isso precisa de um caderno. Ela percebera que se aprendesse a ler, conheceria muito mais histórias. Decidiu de súbito que ia à escola sim, sem imaginar as resistências morais e práticas que iria encontrar no caminho, desde encontrar sua mãe que havia saído, para lhe pedir um caderno, ao confronto de uma cultura onde meninas não precisam ir à escola.

Baktay se despede de Abbas e diz que vai pedir à sua mãe as coisas que precisa porque quer ir à escola. Muito naturalmente ela amarra a perna da irmã bebê com uma corda e a prende dentro de casa para sair em busca da mãe. Ao procurá-la grita diversas vezes, até que caiu, afim de chamar a atenção da mãe.

Sem sucesso na busca, vai até a venda onde pergunta quanto custa um caderno. O homem da venda a indaga o porquê de ela precisar de um caderno. Quando a menina diz que é para ir à escola, o homem ri e diz que ela não precisa ir à escola. E que além de um caderno, precisará de um lápis também.

O homem recomenda que Baktay leve qualquer coisa de casa ao mercado e venda, para poder comprar o que quer. Sem ter ainda consciência de sua condição bloqueada em uma sociedade regida para e pelos homens, no Afeganistão, ela volta para casa, pega quatro ovos e vai para ao mercado. Após uma sucessão de acontecimentos onde se percebe o

quanto a criança não tem poder de voz, ela consegue vender metade dos ovos, pois outra metade um senhor derrubou e foi embora.

Corre, então, para comprar um caderno. Ainda sem dinheiro para o lápis, volta para casa e pega o batom da mãe, para poder escrever. Baktay pede a Abbas que a leve para escola. Seguem juntos e ao chegar na escola o professor de Abbas manda-a ir para o outro lado do rio, a uma escola de meninas. Baktay então, vai sozinha. No caminho é surpreendida por um grupo de meninos que brincam de guerra e querem a aprisionar. São violentos e dizem pertencer ao Talibã. Perguntam aonde ela vai. Baktay responde que vai à escola e mais uma vez zombam da menina, perguntando o que ela quer fazer na escola, dizendo que meninas não precisam frequentar tal instituição. Tomam-lhe o caderno e arrancam folhas. Cada um deles faz um aviõzinho com as folhas que arrancaram, atirando-os contra a montanha, onde antes, havia estátuas de budas.

Depois perguntam o que ela tem na bolsa. Ela explica que está com o batom da mãe porque não tinha dinheiro para comprar lápis, e por isso o roubara para escrever, e os meninos dizem que batom é coisa de mulher pagã e por isso, vai passar pelo fogo do apedrejamento.

Quando Baktay recusa a brincadeira, o suposto líder do grupo de meninos diz que não é uma brincadeira e que os outros estão a cavar sua sepultura. O interessante é que o grupo de meninos se coloca como se fizesse parte do exército que destruiu as estátuas de Buda e vangloriam-se do fato de elas estarem em pedaços. A violência da brincadeira é tamanha, que Baktay chora por diversas vezes, e pede ao grupo que a deixe em paz para que vá a escola. Os meninos a colocam no buraco que cavaram e ameaçam apedrejar a menina. Colocam um saco de papel na cabeça dela, imitando uma burca, para que não mostre os cabelos por ser mulher. Por fim, tiram-lhe do buraco e levam-na para o alto de um morro próximo, ao perceber Abbas, que retorna da escola.

Deixam-na aprisionada na caverna enquanto maltratam Abbas, colocando-o num buraco cheio de lama. Quando retornam, levam-na mais para o interior da caverna, onde já estão outras meninas. Quando os meninos saem, Baktay conversa com as meninas, que explicam os diversos motivos pelos quais estão ali aprisionadas, todos relacionados com preconceitos culturais sobre as mulheres. Por fim os meninos se distraem e ela consegue sair e finalmente chega à escola.

A professora não nota a sua entrada e ela se esgueira por entre as carteiras para senta-se em meio as demais meninas. Baktay tira seu batom da bolsa e, enquanto a professora explica a lição para uma aluna no quadro, a menina passa o batom nos lábio e bochechas de quase todas as outras. Assim que a professora percebe o ocorrido, imediatamente manda as meninas tirarem o batom, e manda Baktay embora para casa. Todo um sistema de ordens se coloca em ameaça por conta de uma brincadeira de criança.

Ela passeia pela escola dos meninos, agora vazia. Logo Abbas aparece à sua procura, completamente coberto de lama. Eles se encontram no caminho de volta para suas casas, onde mais uma vez são surpreendidos pelo grupo de meninos cujas brincadeiras são violentas, os mesmos que já os haviam abordado pela manhã.

Em meio a uma nova série de brincadeiras negativas para a menina, os garotos brincam de matar. Abbas “morre” logo, enquanto Baktay continua a confrontar os padrões, dizendo que não gosta de brincadeiras de guerra.

Se a protagonista entende tudo em seu entorno como parte de um jogo, acreditando ser possível escapar dele quando quiserem, os meninos um pouco mais velhos mimetizam, com violência, a patrulha agressiva contra as mulheres. Estes fatos que ocorrem no filme trazem à tona brincadeiras das crianças que se encontram no contexto de guerra, ou seja, é uma reprodução do vivido, e segundo Brougère a brincadeira de guerra não é um acidente cultural e está de acordo com a situação em que se encontra a criança, diante da violência do mundo, face à cultura que exalta certas formas de violência, diante da estrutura e do papel da brincadeira (BROUGÈRE, 2010, p. 85).

O movimento da brincadeira de guerra feito pelos meninos é simplesmente um reflexo do que está acontecendo a volta, da cultura que os permeia. Compreendemos que esta obra tem como principal objetivo expor a situação feminina em países controlados por valores religiosos marcados pelas interdições a determinados comportamentos.

#### **REFERÊNCIAS:**

<http://www.cinefrance.com.br/festivais-mostras/festival-do-rio-2008/e-buda-desabou-de-vergonha-2007>. Site visitado em: 12 de junho de 2013.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=4943>. Site visitado em: 12 de junho de 2013.

BROUGÈRE, Gilles. Brincadeiras e brinquedos de guerra. In: \_\_\_\_\_. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2010.

---

---

---

## CAVALO DE DUAS PERNAS

Título Original: *Asbe du-pa*  
Origem: Irã (2008)  
Drama. 01h40 minutos  
Direção: Samira Makhmalbat



Autoras: Ana Paula Vieira Barcelos; Alini Zanini Brighenti; Maristela Della Flora<sup>3</sup>

Cavalo de duas pernas é um filme iraniano, produzido no ano de 2008 pela cineasta e diretora Samira Makhmalbaf, também iraniana. O gênero do filme é drama e tem duração de 101 minutos, tipo longa-metragem. Elenco: Ziya Mirza Mohamad, Haron Ahad, Gol Gotai Karimi, Khojeh Nader.

O filme inicia com a escolha de um menino forte e rápido dentre muitos meninos que estão na rua em busca de um trabalho. Este trabalho consiste em carregar outro menino nas costas por conta de uma deficiência física - quando pequeno sua mãe pisou em uma mina em que a matou e deixou o menino mutilado. O pai desse menino parte rumo à Índia levando a sua irmã ao médico, que também possui uma deficiência física. Culmando o menino, que passaria a carregá-lo para todos os lugares, por não ter ido à Índia com o pai, o maltrata e renega seus serviços, relutando em ser carregado por ele no primeiro momento.

O jovem carregador leva o mestre para todos os lugares, inclusive à escola. Enquanto a aula transcorre, este fica esperando ser solicitado para fazer o transporte do menino, aguardando-o na cocheira, junto aos animais (cavalos). Quando é chamado corre imediatamente para atendê-lo.

---

<sup>3</sup> As autoras da resenha são graduandas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisadoras integrantes do Núcleo Vida e Cuidado: Estudos e Pesquisas sobre Violências (NUVIC-UFSC). [anabarcelos76@gmail.com](mailto:anabarcelos76@gmail.com); [alini\\_sl@hotmail.com](mailto:alini_sl@hotmail.com); [maris.dellaflora@gmail.com](mailto:maris.dellaflora@gmail.com)

Como acompanha seu mestre em todos os lugares acaba por ter que participar dos momentos de higiene e das brincadeiras. Em uma brincadeira de corrida, em que os amigos estão montados em cavalos, eles acabam participando e por conta da promessa do pagamento, o carregador se esforça ao máximo, mas não consegue acompanhar os animais. Neste momento então, ele é chamado pelo mestre de *cavalo de duas pernas*. Ao acompanhar o mestre nas aulas vai se apropriando desses conhecimentos e, em uma aula de matemática, quando leva o mestre ao quadro para uma tarefa, responde ao professor o resultado correto da mesma, mas é ignorado. No momento que o mestre responde o professor o parabeniza e pede que volte a seu lugar.

Sempre convencido pela promessa de pagamento, eles participam de outra brincadeira, desta vez em uma roda de luta. Ganham a primeira luta, mas não são bem sucedidos na segunda e o mestre fica bravo e pede ao seu mentor, Mirvas, para comprar uma cadeira de rodas e dispensar os serviços do carregador. Este, por sua vez, fica muito bravo e choroso e faz reclamações e críticas ao mestre quanto a maus tratos, falta de alimentação e peso. Por fim este implora: “Pelo amor de Deus, não me jogue fora!”, e a resposta que obtêm é “Asno, vá embora”. Desnorteado pelas palavras que o mestre lhe disse, anda pelas ruas da cidade triste e correndo vai para sua “casa” – um esgoto da cidade.

No dia seguinte, o “asno”, como foi chamado pelo mestre, o encontra andando em um triciclo pelas ruas da cidade na volta para casa. Ainda zangado com o menino carregador, o mestre o acusa de tê-lo machucado a cabeça durante a briga que teve com um de seus colegas de sala e o manda embora asperamente. Não obedecendo a ordem de ir embora, este ainda é levado a juntar pedras para posteriormente ser apedrejado. Não atendendo aos apelos do carregador o mestre sai tentando atropelá-lo. Quando chega ao espaço da escola o mestre é ignorado pelas outras crianças quando pede ajuda para sair do triciclo e sentar nos bancos escolares. Não tendo escolhas este pede ao “asno” para carregá-lo e é prontamente atendido. Ao final da aula, já sozinho naquele espaço, solicita novamente a ajuda do carregador para chegar até o triciclo e é novamente e ajudado de imediato.

Depois de andar pelas ruas que levava o menino a escola e se mostrar muito triste, o carregador vai a uma rua movimentada onde olha uma menina, por ele observada em outras oportunidades, pedindo esmola. Nesse momento, chega puxado por um adulto no triciclo

quebrado, o mestre. Percebe que o menino carregador está ali e o chama para ajudá-lo dando ordens, como: “me tira daqui cavalo” e “venha aqui meu cavalo”. O menino carregador não responde e apenas pega uma pedra, conforme havia feito no dia anterior e vai até ao mestre. Ele a entrega ao mestre, que finge arremessá-la em sua direção, mas não o faz. Em seguida a joga no rio e pede para que se aproxime, dando um beijo em sua testa. Na cena seguinte os dois meninos, carregador e mestre, encontram-se dançando, gritando e até tomando banho juntos.

Expressando amizade entre os dois, menino carregador e mestre, passam a fazer várias coisas juntos, inclusive participam novamente da roda de luta, que depois de algumas tentativas frustradas, cedendo aos caprichos do mestre, saem vencedores. Como prêmio pela vitória o mestre lhe oferece um sorvete e este resiste um pouco, mas aceita, e ao invés de degustá-lo, leva-o apressadamente até a menina que pede esmolas e a oferece. A menina aceita o sorvete e os dois ficam ali por um tempo. Nesse momento, o mestre mostra um interesse sobre a garota e oferece-lhe dinheiro. Interessada, a menina aceita muito feliz, gerando um conflito entre o menino carregador e o mestre, pois os dois estão interessados na mesma garota. As brincadeiras frequentes agora são permeadas por trocas de papéis entre eles, em que o mestre é dono do menino carregador, que se transforma em um cavalo.

O mestre, irritado com seu “cavalo” por estarem disputando a mesma garota, passa a desprezar o garoto, colocando-o na condição efetiva de cavalo, deixando-o no estábulo com outros animais e alimenta-o com feno. Durante sua permanência no estábulo, o menino carregador acompanha o nascimento de um potro e entra em devaneio. A maneira como ele se porta, fazendo caras/tiques assemelha-se a alguma deficiência.

No entanto, podemos notar uma conduta proposital em tais comportamentos, pois nos parece que as expressões faciais e corporais do menino foram direcionadas para que houvesse uma confusão entre o fato do mesmo ser humano, mas ser tratado como animal, devido as condições em que era submetido (andava de forma desajeitada, ficava no estábulo e convivia com outros animais). Vivendo a beira da exaustão física, quando cansado, jogava-se no chão, parecendo desmaiar, analogamente ao modo como cavalos dormem.

A submissão do garoto nos choca, mas ainda mais a petulância/maldade do mestre, pois humilha, bate e briga com o garoto o tempo todo, trazendo-nos bem claro a relação de poder que gira entorno dos dois. Quando o mestre resolve mandá-lo embora este se humilha

ainda mais, permanecendo em uma submissão ainda pior. Chorando, parece necessitar da subordinação em que está.

A autora deixa ainda mais clara a humilhação que o garoto sofre quando o mestre lhe dá feno para comer, como faz com os animais no celeiro, e o aluga para os amigos para ganhar algumas moedas. Esses vão tornando o garoto ainda mais cavalo, encilhando-o e, pior, colocando ferraduras em seu pé, para ao trotar fazer barulho de casco de cavalo.

Compram-lhe uma cabeça de cavalo, dizendo que ele vai se acostumar com o novo adereço. Depois disso é que o garoto se liberta da desumanidade do mestre, que na verdade é o patrão, e da condição de crueldade que é submetido, voltando para o esgoto.

O filme se passa em um momento de guerra entre o Irã e o Iraque e mostra alguns sinais e consequências desse momento de luta entre os homens. O mestre, que vive no Afeganistão, sobrevivente de uma explosão de uma mina terrestre, a qual matou sua mãe, não consegue ter sua vida sem pensar em como seria diferente se ela estivesse junto dele, e acaba por descarregar toda a sua raiva nas outras pessoas.

Com a viagem de seu pai, precisam encontrar um garoto que o transportasse, escolhendo um jovem garoto, que aparentava ser forte o suficiente e também com traços de deficiência mental, o que viria a corroborar na construção da exploração.

O filme nos faz pensar que a realidade de submissão não está presente somente no Oriente Médio. Se pararmos para refletir quando filhos e filhas de Senhores de Engenhos brasileiros buscavam diversão brincando de “cavalinho” com seus escravos, encontramos a mesma relação de resignação e desprezo pelas pessoas.

Porém, neste caso, os filhos de senhores de engenho, os “*sinhozinhos*”, viam crianças escravas como objetos de prazer, não tendo uma necessidade de explorá-los. Já no filme, o menino rico possuía uma deficiência física que o impedia de se locomover, necessitando da presença de alguém para carregá-lo. Percebe-se que mesmo tendo uma deficiência física, - mas pelo fato de estar posicionado hierarquicamente diferente na sociedade -, ele se sentia no direito de explorar e subjugar a outra criança. As atitudes do menino perante o outro só eram possíveis porque na sociedade onde o filme se passa essa conduta não era questionada.

A condição de exploração e sofrimento a que este menino é submetido é apresentada por/entre relações de poder, no caso, entre uma criança rica e outra pobre, de



forma brutal e cruel. Podemos, então, pensar qual o endereçamento das infâncias, para esses dois garotos, nascidos na mesma cidade, mas em condições econômicas completamente diferentes?

Há muito tempo existem regras de comportamento social, chamadas de convenções, que deliberam sobre as posturas das pessoas. Em uma visão funcionalista, o poder entre as pessoas é um elemento que deve ser suprimido entre elas, pois se trata de um conceito informal, sendo que Mintzberg (1983 apud CAPPELE, MELO e BRITO, 2005, p. 357), vai além quando “defende a ilegitimidade e o caráter disfuncional do uso do poder, interessando-se em conhecer quem detém o poder, de que forma ele é obtido, e quais configurações ele apresenta”. Esses interesses são reconhecidos politicamente e de forma inerente às relações de submissão.

Para se submeter a uma relação de submissão, não se precisa ter alguma deficiência, pois as relações de submissão se dão por todos os lugares e com qualquer tipo de pessoa, podendo ser da mesma faixa etária, morar no mesmo lugar, ter a mesma classificação étnica. “[...] o poder não está situado em um lugar específico, ao contrário, dissemina-se por toda a estrutura social em forma de uma relação [...]”. (LIMA, 2011, p. 122).

Trazendo ainda pelo olhar da cineasta, que parece explicitar as deficiências, tanto do mestre quanto do menino carregador, podemos pensar que indiferente de lugar e tempo em que vivemos, a deficiência é vista sempre como uma defasagem, como um defeito. Conforme a Revista Brasileira de Educação Especial (2002, p. 5):

A diversidade – exatamente a condição que poderia propiciar o enriquecimento das relações humanas – não é olhada, apreendida como estratégia ou meio de realização de cada um e da humanidade no conjunto. O que se busca, a todo o custo, é a padronização, obedecendo a critérios que só são preenchidos por uma minoria, denominada classe ou grupo dominante.

Passamos então a pensar nesta questão de soberania, como as duas partes reagem. Um é aquele que se olha dono da razão e da direção para onde olhar. O outro, o diferente, o deficiente, o que falta, é olhado e espera a decisão imperativa daquele que por alguma razão detém o poder do olhar.

É preciso pensar a deficiência como diferença, não como um triste acontecimento com uma pessoa, mas que ela possui uma dimensão social e política. Ao olhar essas

diferenças uma mudança precisa ocorrer, mas mudanças que vão além da reprodução de leis, de currículos e formas de comportamento.

É verídico que existem algumas limitações entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência, mas isso não as impede de que possuam dimensão social e desempenhem funções sociais e políticas.

No entanto, a vida que nos cerca é regada de limitações, todos estamos sujeitos a determinadas restrições, sobretudo pessoas não deficientes. Mas, essas restrições não impedem que a sociedade se desenvolva. O que acontece é que são criadas formas de ultrapassar essas ressalvas. Como um ditado popular diria, “De perto, ninguém é normal”.

## REFERÊNCIAS

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira; BRITO, Mozar José de. **Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault**: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 7, n. 3, p. 356-369, 2005.

LIMA, Patrícia de Moraes. O governo da infância e a arte do cuidado de si. In: SOUZA, Ana Maria Borges de; BARBOSA, Isabella Benfica (Orgs.). **Cuidar da Educação, Cuidar da Vida**. Florianópolis: UFSC-CED-NUVIC, 2011.

**REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Universidade Estadual Paulista. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2002. V.8, n.1.



### BRINQUEDO PROIBIDO

Título Original: *Jeux interdits*  
Origem: França (1952)  
Drama de guerra. 1h26 minutos  
Direção: René Clément

Autoras: Edna Santos e Fernanda Gonçalves<sup>4</sup>

*Brinquedo Proibido* é um filme francês, de 1952, dirigido por René Clément que contém em si uma peculiaridade muito marcante, já que por meio da linguagem cinematográfica, pinta os contornos de uma guerra a partir do olhar de duas pequenas crianças. O filme se passa no contexto da segunda guerra mundial, inicia-se em meio à fuga de várias famílias que em comboio tentam escapar de um ataque aéreo sobre uma região da França. Dentre essas famílias está a família de Paulette, de apenas 5 anos, que ao ver seu cachorrinho Jockie sair correndo assustado em meio aos bombardeios, vai atrás do animalzinho, enquanto os aviões continuam a bombardear a localidade. Na tentativa de protegê-la, os pais de Paulette, correm para socorrê-la, contudo, acabam atingidos pelos tiros provenientes dos aviões.

Órfã a pequena Paulette também perde seu cachorrinho, que morre vítima dos mesmos tiros que assassinaram seus pais. Com o pequeno Jockie no colo a menina anda sem rumo por algum tempo, até que em um pequeno vilarejo, ela encontra Michel Dollé, um garoto de 11 anos, que ao conhecê-la fica preocupado e leva-a até sua família.

A família de Michel, camponeses que viviam no pequeno vilarejo, acolhe a menina, sensibilizados com o que havia acontecido com seus pais. Nasce a partir daqui, uma linda amizade entre Paulette e Michel.

Em um momento de profunda tristeza, Paulette pergunta a seu amigo Michel, se ele sabia o que teria acontecido com seus pais, e o amigo responde que eles estariam em buracos, que era assim faziam com as pessoas que morriam na guerra. Juntos, Paulette e Michel passaram a viver a experiência da perda num contexto marcado pelas atrocidades da época. Michel com mais idade, ensinou a menina alguns dos rituais religiosos que acontecem quando as pessoas falecem. A partir daí, ele resolve ajuda-la a superar suas perdas, iniciando assim, a brincadeira de construir um cemitério para os animais mortos na fazenda. As crianças se preocupavam com todos os detalhes e se envolviam em muitas situações para tornar a brincadeira o mais próximo do real: a lápide, as cruzes e até flores.

---

<sup>4</sup> Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC), na linha Infância e Educação. Ambas integram o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN-UFSC). [edna.710@hotmail.com](mailto:edna.710@hotmail.com); [feegoncalves@gmail.com](mailto:feegoncalves@gmail.com)



## **BRINQUEDO PROIBIDO**

Título Original: *Jeux interdits*  
Origem: França (1952)  
Drama de guerra. 1h26 minutos  
Direção: René Clément

Autoras: Edna Santos e Fernanda Gonçalves<sup>5</sup>

*Brinquedo Proibido* é um filme francês, de 1952, dirigido por René Clément que contém em si uma peculiaridade muito marcante, já que por meio da linguagem cinematográfica, pinta os contornos de uma guerra a partir do olhar de duas pequenas crianças. O filme se passa no contexto da segunda guerra mundial, inicia-se em meio à fuga de várias famílias que em comboio tentam escapar de um ataque aéreo sobre uma região da França. Dentre essas famílias está a família de Paulette, de apenas 5 anos, que ao ver seu cachorrinho Jockie sair correndo assustado em meio aos bombardeios, vai atrás do animalzinho, enquanto os aviões continuam a bombardear a localidade. Na tentativa de protegê-la, os pais de Paulette, correm para socorrê-la, contudo, acabam atingidos pelos tiros provenientes dos aviões.

Órfã a pequena Paulette também perde seu cachorrinho, que morre vítima dos mesmos tiros que assassinaram seus pais. Com o pequeno Jockie no colo a menina anda sem rumo por algum tempo, até que em um pequeno vilarejo, ela encontra Michel Dollé, um garoto de 11 anos, que ao conhecê-la fica preocupado e leva-a até sua família.

---

<sup>5</sup> Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC), na linha Infância e Educação. Ambas integram o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN-UFSC). [edna.710@hotmail.com](mailto:edna.710@hotmail.com); [feegoncalves@gmail.com](mailto:feegoncalves@gmail.com)

A família de Michel, camponeses que viviam no pequeno vilarejo, acolhe a menina, sensibilizados com o que havia acontecido com seus pais. Nasce a partir daqui, uma linda amizade entre Paulette e Michel.

Em um momento de profunda tristeza, Paulette pergunta a seu amigo Michel, se ele sabia o que teria acontecido com seus pais, e o amigo responde que eles estariam em buracos, que era assim faziam com as pessoas que morriam na guerra. Juntos, Paulette e Michel passaram a viver a experiência da perda num contexto marcado pelas atrocidades da época. Michel com mais idade, ensinou a menina alguns dos rituais religiosos que acontecem quando as pessoas falecem. A partir daí, ele resolve ajuda-la a superar suas perdas, iniciando assim, a brincadeira de construir um cemitério para os animais mortos na fazenda. As crianças se preocupavam com todos os detalhes e se envolviam em muitas situações para tornar a brincadeira o mais próximo do real: a lápide, as cruzes e até flores.

---

---

## A CULPA É DE FIDEL

Título Original: *La Faute à Fidel*

Origem: França (2006)

Drama. 01h39 minutos

Direção: Julie Gavras



Autoras: Giselle Silva Machado de Vasconcelos<sup>6</sup> e Mariana Acórdi Goulart<sup>7</sup>

A obra intitulada “A culpa é de Fidel”, é um filme francês, produzido no ano de 2006, dirigido por Julie Gavras<sup>8</sup>, que tem o drama como o gênero e conta com a

---

<sup>6</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) e Supervisora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. [gisellevasc@gmail.com](mailto:gisellevasc@gmail.com)

<sup>7</sup> Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). [goulart.mari@gmail.com](mailto:goulart.mari@gmail.com)

<sup>8</sup> Julie Gavras é filha do reconhecido cineasta grego Costa Gravas que ganhou destaque no cenário internacional com o Filme “Z” de 1969 onde faz importantes denúncias e críticas aos abusos da ditadura militar na Grécia no período de 1963.

participação dos atores Julie Depardieu, Stefano Accorsi, Olivier Perrier como elenco principal.

O filme revela de maneira apaixonante e intensa a força que o poder ideológico-político embutido no meio social influencia sobre o nosso modo de pensar e agir. No entanto, seríamos imprudentes/insensíveis se afirmássemos que a beleza da obra da artista está na mera descrição de uma luta pela ruptura pragmática. Gravas vai além disso, ela nos convida/provoca a sentir o drama de quem vive as contradições ideológicas e políticas da modernidade.

A história se passa em Paris nos anos 70, e retrata uma família francesa comum que vive sua vida de forma tranquila. Anna de la Mesa faz parte dessa família. Ela é uma menina de nove anos de idade que tem a vida bastante organizada, estuda em uma escola católica e totalmente inserida num mundo capitalista/reacionário na qual passa a viver a experiência de conhecer os ideais comunistas.

A princípio, a família “De La Mesa” vive numa bela mansão em Paris e a menina Anna parece desfrutar de todas as prerrogativas necessárias para viver como uma princesa estereotipada da *Disney*: cabelos bem penteados roupas muito alinhadas, prataria na mesa, aulas de catequese, cercada de formalidades. Uma verdadeira reprodução feminina do “*Gentleman*” idealizado por Locke, filósofo inglês do século XVII (Cambi, 1999) e por outros intelectuais da modernidade (desde Comenius até Durkheim) que ansiavam um modelo de homem moderno e civilizado.

Porém o clima tranquilo e harmônico vivido com sua família começa a se modificar quando os pais viajam ao Chile, durante a campanha vitoriosa do socialista Salvador Allende, conscientizam-se sobre os problemas sociais e, quando voltam à França, resolvem mudar de vida e trocam a rotina pacata pelo engajamento político. Anna e o irmão, durante a viagem dos pais ao Chile, são cuidados pela babá Filomena que toma conta da rotina com alimentação, banho, tarefas de casa e tempo de brincadeiras.

A babá Filomena é uma cubana exilada, cuja família perdeu as propriedades para a Revolução Socialista e vê os comunistas como seres barbudos e perigosos que ameaçam o mundo. Ela diz à Anna que os comunistas são “vermelhos”, “barbudos” e “nojentos”.

---

Anna é resistente às mudanças, principalmente porque é influenciada por Filomena. Por vezes a menina se pergunta e pergunta aos pais: “você viraram comunistas? Mas, a babá disse que comunistas são maus, quero morar com a vovó! Porque nossa casa vive cheia de pessoas barbudas? Os barbudos vermelhos querem guerra nuclear”.

Os avós de Anna são proprietários de terras e apresentam uma postura tradicional. A mãe (Marie), antes trabalhava na redação da revista Marie Claire, símbolo da mulher burguesa, deixa esse trabalho e passa a apoiar o movimento feminista e a lutar pela legalização do aborto.

Na relação com Anna, os pais tentam explicar algumas coisas, como o que é solidariedade, a luta por direitos iguais, que há pessoas pobres que precisam de ajuda, o que é e como é uma manifestação. Ao mesmo tempo, também tomam algumas atitudes em relação à menina sem estabelecer um diálogo com ela à priori, tal como tirá-la da catequese e proibi-la de ler gibis do *Mickey Mouse*.

Panayota, a segunda babá, grega, narra os mitos gregos da origem dos deuses e do universo, abrindo a perspectiva do olhar de Anna. Os sabores de várias partes do mundo, cristianismo, mitologia e outras interpretações de mundo chamam atenção da menina, que aos poucos vai vendo também outras formas de viver.

O autor Jorge Larrosa (2002, p. 21): afirma que “*a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca*”. Anna tem uma experiência porque todo o processo lhe afeta. Tudo que lhe é tido como verdade e certo é colocado em xeque. De princípio ela parece odiar todas as mudanças. E odeia de fato. Mas, aos poucos e por outro lado, à medida que ela convive com os “*barbudos*”, vai percebendo outro modo de enxergar o mundo: um modo menos individual e mais coletivo.

Anna acaba mudando para outra escola, onde sente mais liberdade, vê crianças correndo e brincando pelo pátio, observa as diferenças e logo é convidada a brincar de roda com um grupo que já brincava antes e ela percebe outra forma de viver.

Julie Gravas se mostra sensível à medida que consegue revelar algo para além da disputa ideológica entre a “esquerda” e a “direita”. A cineasta faz um convite através da lente (para a “lente” do ser humano que vê o filme) a perceber outra revelação: o mundo das crianças. Uma criança que imagina a partir do contexto social vivido, uma criança que

dialoga com os conceitos, que ressignifica o seu papel no mundo e não apenas um ser que é socializado passivamente.

Apesar de não ser a primeira vez que o olhar infantil se torna a lente principal de quem vê a obra<sup>9</sup>, a artista se mostra inovadora quando abandona a concepção de criança como um ser humano frágil e romântico e assume uma concepção mais realista e idiossincrática do ser humano.

“A culpa é de Fidel” nos faz de fato odiar e amar o contexto vivido por Anna, à medida que ela a ama e a odeia. Destaque para duas cenas, a nosso ver, de uma delicadeza do ser, tamanha e por hora inexplicável por nós: Anna descabelada tentando pentear seu próprio cabelo e a cena final onde ela ingressa numa escola que lhe parece o “caos”.

De acordo com pesquisa feita no site: cultura é currículo (SE- SP 2006), o filme traz ainda outros pontos que incitam a reflexão como o contexto histórico, fatos históricos, uma discussão entre “solidariedade e seguir a maioria”, a discriminação por nacionalidade, gênero, religião e ideologia, bem como, diferenças culturais, questões éticas e morais e valores de uma sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALLOUCINEGROUP. Adorocinema- Copyright 2000- 2013. Site visitado em 18/05/2013 no link: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-109303/>. RJ, 2000.

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. Ed. Unesp, SP, 1999.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Fundação para o desenvolvimento da educação- cultura é currículo. Site visitado em 18/05/2013 no link: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320120601165352A%20CULPA%20%C3%89%20DO%20FIDEL.pdf>. São Paulo, 2006.

TUDO EM CIMA- Pensamentos livres do crítico- spam sobre política, cinema, música, quadrinhos e etc. Site visitado em 18/05/2013 no link: <http://tudo-em-cima.blogspot.com.br/2009/06/filmes-culpa-e-do-fidel.html>. SP, 2006.

---

<sup>9</sup> Ver o filme francês de Jacques Doillon “Ponette” de 1996 e “Ma vie en rose” (oficialmente intitulado “Minha vida em cor de rosa”, em português) é um filme europeu (uma produção cooperativa entre a [Bélgica](#), [França](#), e o [Reino Unido](#)) dirigido pelo belga Alain Berliner e lançado em [1997](#).



---

---

## PEQUENAS FLORES VERMELHAS

Título Original: *Kan shang qu hen mei*

Origem: China/tália (2006)

Comédia/drama. 01h32 minutos

Direção: Yuan Zhang



Autoras: Eduarda Souza Gaudio<sup>10</sup> e Márcia Buss Simão<sup>11</sup>

Pequenas Flores Vermelhas é um filme do ano de 2006, dirigido por Zhang Yuan que conta a história de um menino prestes a completar quatro anos de idade, em Pequim na China, no ano de 1949. O pequeno Qiang é afastado de seus pais pela necessidade de longos períodos de trabalho dos mesmos e passa a viver num infantário para crianças em idade pré-escolar. Nesse novo lugar, Qiang é obrigado a conviver com crianças educadas de forma distinta da sua e precisa se adaptar aos costumes, às normas e ao novo cotidiano dessa instituição. Ao conhecer os hábitos do internato, Qiang suporta inúmeros obstáculos impostos pelas regras da instituição como: vestir-se sozinho, realizar as necessidades fisiológicas num horário pré-determinado para todas as crianças, alimentar-se e banhar-se todas no mesmo horário, entre outros.

Apesar da instituição possuir regras pré-estabelecidas, Qiang tenta resistir a essas regras e às condutas exigidas, repercutindo em atitudes que destoam da maioria das outras crianças. Tais condutas o impedem de ganhar as pequenas flores vermelhas, concedidas como símbolo de bom comportamento às crianças que atendem às regras da instituição. Com suas atitudes, diferente das outras crianças, Qiang desafia a autoridade das professoras, questionando a ordem estabelecida pela instituição e buscando criar estratégias capazes de corromper os hábitos já instituídos no naquele espaço.

---

<sup>10</sup> Mestranda em Educação da Linha Educação em Infância pelo PPGE/UFSC. [dudasouza\\_1@hotmail.com](mailto:dudasouza_1@hotmail.com)

<sup>11</sup> Doutora em Educação da Linha Educação em Infância pelo PPGE/UFSC. [marcia@ced.ufsc.br](mailto:marcia@ced.ufsc.br)

Ainda assim, aos poucos, o pequeno menino com todo seu carisma, conquista algumas das crianças, sobretudo algumas meninas, as quais, convence a fazer parte de seu grupo. Constrói uma grande amizade com a pequena Nanyan, brincam e planejam estratégias na tentativa de juntos romper com as regras do infantário. Certo dia, os dois fogem da instituição correndo pelas ruas, até que avistam um hospital. Qiang conta no ouvido de Nanyan que gostaria de ficar doente para viver no hospital e não ter que ficar no infantário, no entanto, os dois voltam para a instituição sem que as professoras percebessem sua fuga.

No auge de suas estratégias de resistência, Qiang convence seus pares de que a professora Li é um monstro disfarçado que come crianças. Com a ajuda de todas as crianças, Qiang prepara uma estratégia para amarrar a professora Li em sua própria cama, o que para sua infelicidade não dá certo. A partir do fracasso dessa armadilha, ele é forçosamente excluído das brincadeiras e das atividades que as demais crianças realizam. Será que agora, Qiang vai ainda encontrar forças e formas de questionar e desafiar a ordem instituída ou, finalmente, vai render-se e adaptar-se ao ritmo, às regras e às normas instituídas no infantário?



## MUTUM

Título Original: *Mutum*  
Origem: Brasil/França (2007)  
Drama. 01h35 minutos  
Direção: Sandra Kogut

Autoras: Priscilla Silveira de Azevedo e Samantha Santos Mendes<sup>12</sup>

Esta resenha objetiva apresentar alguns aspectos presentes no filme *Mutum*, um filme Brasileiro e Francês, produzido no ano de 2007, dirigido por Sandra Kogut em sua

---

<sup>12</sup> Acadêmicas da oitava fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.  
[samantassm1@hotmail.com](mailto:samantassm1@hotmail.com); [pri.azevedo2@gmail.com](mailto:pri.azevedo2@gmail.com).

primeira atuação como diretora de uma ficção que tem como gênero o drama. *Mutum* é uma obra que se inspira na história de Miguilim, da novela "Campo Geral" (Manuelzão e Miguilim), de autoria de João Guimarães Rosa (1908 – 1967)<sup>13</sup>. Este filme foi vencedor de diversos prêmios nacionais e internacionais, como o FastRio 2007( Festival de Cinema do Rio de Janeiro) na categoria de melhor filme.

O filme carrega no nome *Mutum* (cidadezinha do sertão de Minas Gerais), além de ser a localidade onde os personagens moram, outro significado bastante importante para o decorrer da história, *Mutum* quer dizer mudo, e caracteriza uma ave que só canta a noite. Este nome parece fazer relação com o personagem principal, que por vezes está calado e é sempre no anoitecer que desaba suas angústias com o irmão.

O longa metragem narra a vida de Tiago, um menino considerado diferente dos demais por ser muito calado e calmo, que vive na cidadezinha de *Mutum* com os pais, o tio com quem se dá muito bem, sua avó e seus quatro irmãos, sendo que um deles, Felipe, mais do que seu amigo é seu grande conselheiro.

A história se inicia com a chegada de Tiago e seu tio Terêz, após a crisma<sup>14</sup> do sobrinho, que logo inventa uma história para os irmãos de que as lembranças da viagem caíram num buraco com cobra, ao perceber que aquelas que havia trazido não seriam suficiente para todos. Uma das irmãs o questiona, dizendo que a história contada não passava de uma mentira e avisa ao menino que quem mente vai para o inferno.

Tiago quase nem fala com o pai, o cumprimenta com educação, mas é nos braços da mãe que ele demonstra a saudade e a alegria que sente ao estar de volta naquele lugar, deixando o pai irritado. Tiago tem um amor especial por seu tio e sua mãe, que ele mesmo percebe não ser o mesmo amor que sente pelo pai, e nas conversas que tem com seu irmão ao anoitecer, pergunta a Felipe se é pecado não gostar de um adulto, referindo-se a sua avó e a seu pai. Com o passar do tempo, Tiago ia percebendo suas afinidades com o tio e não com o pai. Quando o pai percebe que está sendo traído pela esposa com seu próprio irmão, não hesita e bate na mulher. A avó de Tiago e mãe dos dois homens, temendo que uma morte viesse a ocorrer, expulsa um dos filhos, o tio do menino, de *Mutum e*, para tristeza

---

<sup>13</sup> Considerado o maior escritor brasileiro do século XX, autor de obras-primas, como Sagarana e Grande Sertão: Veredas.

<sup>14</sup> Evento religioso

desse menino, além de ficar sem o seu tio, encontra sua mãe jogada no chão, maltratada. Para aumentar ainda mais a ira do seu pai, Tiago dedica seu tempo a cuidar de sua mãe.

Felipe companheiro fiel de diálogos com Tiago, ao brincar com um papagaio machuca o pé, e por esse ferimento mal curado, adocece no sertão a espera de um médico, que pelo isolamento onde estavam, não chegou até a sua morte. O sofrimento de Tiago com a morte do irmão que o aconselhava, que o escutava e que por vezes lhe dava segurança para tomar certas atitudes que iam contra a fé e a religião imposta pela avó, lhe trouxe mais independência e força para lidar com as questões referentes ao trabalho no roçado em que o pai lhe submete, notando que o menino a cada dia se distraia e se distanciava mais.

Após mais uma das brigas que Tiago tem com seu pai, no ato de ira o mesmo quebra todas as gaiolas que o menino construía para por pássaros, e Tiago por sua vez, revoltado com essa atitude grosseira do pai, se mostra corajoso o suficiente para destruir todos os brinquedos que lhe restavam, numa tentativa de dizer que aqueles brinquedos não lhe pertenciam mais, numa tentativa de abandonar a infância e se constituir enquanto adulto.

Essa atitude de adultização precoce fica ainda mais clara quando a mãe de Tiago o manda ser levado por um vaqueiro para passar uns dias fora, enquanto o pai ainda se mostrava muito furioso com o menino. Tiago passa a conviver cada vez mais entre o mundo dos adultos e em suas vivências é surpreendido pelo tio Terêz, ao avisar-lhe que seu pai havia matado um peão sem motivo e sumido no mundo. O menino volta com o tio para *Mutum* a pedido de sua mãe, onde continua vivendo com sua família.

Ao brincar no quintal de casa, é surpreendido por um doutor que passa pelo sertão a procura de uma caçada, que para e pede informações à criança e percebe a sua dificuldade em enxergar o local distante por ele apontado e, então, lhe oferece os óculos que usa. Quando Tiago coloca os óculos não consegue acreditar no que está vendo, a visão da realidade é ampliada pelas lentes do mesmo e o médico percebe a falta de visão bastante acentuada do menino. Na conversa com a mãe de Tiago este médico propõe cuidar do menino, lhe conseguir os óculos de que precisa e lhe colocar na escola para que possa aprender uma profissão, desde que o mesmo vá embora com ele para a cidade. A mãe, cogitando um futuro melhor para o seu filho, o entrega ao médico para que cuide dele. O menino se vê, então, mais uma vez deixando aquele lugar em que havia, juntamente com

seu irmão, tentando entender o difícil e complexo mundo adulto e que agora aparentava precisar aprender a deixá-lo para trás.

Um aspecto que permeia o filme durante todo o tempo é com relação à crença, religião, pecado, inferno, Deus e amor. Esses assuntos são quase todas as noites debatidas entre os irmãos, que se questionam acerca das atitudes tomadas por eles com relação ao amor que sentem pela mãe, o qual não é o mesmo que sentem pelo pai. Por vezes sentem medo de expor seus sentimentos, pensando poder ser pecado e, posteriormente, quando morrerem irem para o inferno. A avó era quem mais disseminava essas concepções entre as crianças, fazendo-os rezar antes de dormir e quando tentavam entre si conversar e questionarem-se a respeito das dúvidas que tinham com os assuntos da vida que levavam. A percepção de religião assim como mostra o filme está bastante presente no local onde foram feitas as gravações, a região onde se passa a história cultiva a religião enquanto doutrina, enquanto educação.

O trabalho enquanto constituidor do ser humano aparece no filme quando o pai de Tiago o leva para o trabalho no roçado para fazê-lo virar “homem”, para que a criança amadureça a partir do trabalho e que se emancipe enquanto sujeito. Não se consideram as outras relações constituídas no convívio com os outros como emancipatórias, apenas o trabalho, e por isso a sua importância, já que para o pai a sensibilidade presente na infância de Tiago era considerada luxo da qual os demais familiares não desfrutavam.

Outro ponto destacado por nós é com relação aos momentos de brincadeira tão característica deste período de infância que o menino vivenciava junto aos irmãos, seus brinquedos eram bastante sucateados e muitos deles produzidos pelos mesmos, assim como muitos outros elementos presentes no próprio local onde moravam viravam brincadeiras e momentos de fruição, como na cena em que Tiago está de castigo sentado em uma cadeira de madeira e começa a mexer em farpas que saiam da cadeira e ali se interteu por um tempo, bem como os momentos deitados na cama fazendo buracos na parede, fazendo e comendo pipoca com os irmãos. Outra cena é quando está na terra brincando com os elementos presentes ali, que não eram brinquedos, mas que o personagem ressignifica a seu favor os elementos que tinha ao seu redor. Várias foram as cenas em que as crianças apareciam brincando por vezes “escondidas”, com objetos que não eram propriamente brinquedos, mas com sua ressignificação tornaram-se componentes para as brincadeiras.

*Mutum* traz em seu enredo a tentativa de demonstrar ao espectador algumas sensações de infância, vivenciadas sempre pela ótica de Tiago, sensações de medo, curiosidade, desejo etc.

Para finalizar, outra curiosidade do filme diz respeito aos atores: a grande maioria do elenco é constituída por pessoas que não são atores profissionais e que em grande parte são moradores da própria região. Isso certamente contribui para que possamos ver durante todo o filme um conjunto de belíssimas cenas que narram e mostram como muita veracidade aspectos regionais produzidos a partir de uma trama constituída por uma linguagem bastante poética.

## **REFERÊNCIAS**

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. José Olympio, 1964, 3ª edição.